



## INVENÇÕES E REVIRAVOLTAS: NU-SOL. NÚCLEO DE SOCIABILIDADE LIBERTÁRIA

Edson Passetti<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil  
[edson.passetti@uol.com.br](mailto:edson.passetti@uol.com.br)

### RESUMO

O aparecimento do *nu-sol* (núcleo de sociabilidade libertária), seus antecedentes, jeito de fazer e análises.

**Palavras-chave:** Anarquismos. Universidade. Invenção de liberdades.

“my friend, I’ll say it clear  
I’ll state my case, of which I’m certain  
I’ve lived a life that’s full  
I travelled each and every highway  
and more, much more than this  
I did it my way”

*my way*

Nunca escrevemos ou falamos em público sobre *nós*. Este momento existe como um sinal, a partir da solicitação de Doris Accioly, nossa amiga há tempos. Fazem parte do Nu-Sol em agosto de 2022: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Diego Luccato Belo, Edson Passetti, Eliane Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Gustavo Vieira, Lúcia Soares da Silva, Luíza Uehara, Rogério Nascimento, Salete Oliveira.

Não há uma data para começar algo, muito menos a de uma efeméride. Num certo instante aconteceu de já existir o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), na PUC-SP, hoje instalado no Pátio da Cruz do Prédio Sede e conectado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais ([www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org)).

As proveniências são diversas. Anos 1980. O Centro Acadêmico de Ciências Sociais da PUC-SP passou a ser auto gestor, estancando no movimento estudantil o controle partidário de esquerda de duas décadas. Os estudantes se aproximaram da coordenação do curso de Ciências Sociais depois de consolidadas as necessidades de revisão curricular a ser

---

<sup>1</sup> Edson Passetti é professor livre-docente na Faculdade de Ciências Sociais, no Departamento e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP. Coordena o Nu-Sol. Agradeço às deliciosas conversas a respeito da invenção inicial do nu-sol com Salete Oliveira, e precisas e preciosas sugestões de Flávia Lucchesi, Gustavo Simões e Luíza Uehara.



apresentada e concluída em 1987. A coordenação do curso formou a comissão de professores e abriu aos estudantes que quisessem participar. Durante um ano conversamos e discutimos sobre o imprescindível no atual currículo e o que poderia ser contemplado, tendo em vista as múltiplas discussões que ocorriam extrassala de aula, no país e no planeta. Nesta comissão ficou claro, entre muitas coisas, a introdução dos anarquismos. A realidade mostrava que era importante ultrapassar a condenação dos anarquismos pelos liberais como ideologia violenta e superada. Era também relevante deixar de considerar os anarquistas como integrantes de movimento pré-político. Os comunistas recomendavam que encontrassem uma razão superior, aderissem a ela e ao seu domínio entre as esquerdas, fortalecendo sua hegemonia e a devida condução de consciências, governo e mando. Entre os professores da área de Política da Faculdade de Ciências Sociais, havia uns declaradamente libertários ou heterodoxos que introduziram os anarquismos em suas matérias como prática histórica e pensamento crítico. O currículo foi aprovado com a nova disciplina Política IV dando conta de questionamentos da dominação, de práticas e pensamento radicais. Nas décadas seguintes, vieram outras revisões curriculares e a disciplina passou a ser intitulada Política III, mas nunca mais saiu do curso de Ciências Sociais da PUC-SP.

Noutras universidades como Unicamp, Universidade Federal da Bahia e de Santa Catarina, cursos de pós-graduação, cursos livres, eventos regulares e, principalmente, núcleos de pesquisa levaram adiante os estudos e análises sobre os anarquismos na perspectiva libertária, escanteando, lentamente, as pesquisas *científicas* marxistas sobre o anarquismo que serviam para reiterar posições político-partidárias e o alpinismo acadêmico, por meio de titulações burocráticas. Jovens professores-pesquisadores formavam núcleos e incentivavam pesquisas; novas proximidades libertárias foram se estabelecendo para além das reconhecidas, historicamente, em educação e passaram a mostrar suas forças como a atualidade dos feminismos, a atenção aos costumes libertários, as reviravoltas nos movimentos sociais e a importância do pensamento e prática anarquistas. Os anarquismos como pesquisas e práticas se expandiam. Aconteceu com vigor outro no planeta depois de 68, fortaleceu o movimento punk, promoveu ocupações e novas experimentações de existências.

De início eram poucos os anarquistas do Brasil que compreendiam a entrada dos anarquismos nas universidades, revolvendo consolidações hierárquicas e introduzindo novos costumes à dinâmica universitária, com humor, crítica e práticas inventivas. A conduta reativa chamava esse movimento de ingênuo e levemente purista, porém com este procedimento *legitimavam*, direta e indiretamente, a propriedade marxista sobre os movimentos operários, de trabalhadores e de anarquistas. Precipitados acusaram a introdução dos estudos sobre



anarquismos nas universidades como anarquismo acadêmico. Para eles anarquia e anarquismo eram de operários, sindicalistas, exterior à universidade, quase marginal. Neste último ponto, eles tinham razão, os anarquismos, quando aceitos, eram vistos como algo marginal, quase inofensivo, mesmo com seu crescimento numérico e potente. Ainda não davam conta que houvera uma reviravolta generalizada no capitalismo e no socialismo, e que o Estado Nacional tendia a ser redimensionado em um conjunto federativo aberto como Europa, o que se consolidará em 1992, com o Tratado de Maastricht e ampliava os raios de ação das Nações Unidas. A propriedade passava a ser equacionada pela racionalidade neoliberal, esvaziando o Estado de funções sociais e assistenciais, postulando a predominância da democracia como regime político real e ideal, com a sua introdução nas relações sociais e de trabalho, instalando-se em uma sociedade civil organizada, sendo definitivamente *inovadora*. A racionalidade neoliberal indicava como meta a democracia liberal para consolidar o horizonte pacificável. Eram as premissas para o adestramento da esquerda em economia, política, cultura e segurança democráticas.

Os anarquistas notaram, pela sua perspectiva, que a divisão entre o trabalho manual e intelectual, com este dominando o outro, cedia a vez à predominância do trabalho intelectual, à cibernética, à robótica e anunciava uma infundável gama de ocupações na prestação de serviços. O capitalismo não mais sugava apenas pela disciplina as energias econômicas do corpo para com isso o docilizar e anestesiá-lo politicamente; agora, precisava de energias intelectuais e ativistas politicamente democráticas e monitoráveis. Não estávamos mais restritos às vigilâncias sobre condutas e trabalhos em espaços fechados, materializadas na arquitetura e normalizadas pelo temor de sanções na presença ou na ausência etérea de vigilantes. O investimento capitalista não era mais só de superfície e os de sua profundidade não se restringiam mais à extração de minérios e petróleo, peixes e demais alimentos das águas, e de arqueologia das culturas antigas e “pré-históricas” para a museologia. Constatava-se a ocupação da espessura sideral no universo em expansão, para a produção de produtos e a riqueza das profundezas submarinas pela observação por satélite. Estabelecia as premissas para a instalação futura de estações espaciais e para o monitoramento de terra, mar, ar e, incêndios e explosões vulcânicas. A ficção científica na literatura, no cinema e nos quadrinhos passava a ser realidade capitalista e socialista em disputa, desde o fim da II Guerra Mundial, especialmente após 68.

Demorou para os anarquistas compreenderem que o liberalismo pelo seu viés neoliberal abria possibilidades de ampliar e potencializar as liberdades anarquistas e novas lutas, simultaneamente, à formação de associações libertárias. Os anarquistas de qualquer lugar do planeta sabiam que a revolução social comandada por comunistas foi a antevisão de



continuidades de Estado como a prisão, os campos de concentração, os exílios e mortes. Também era a continuidade da propriedade, do Estado e da tirania; portanto não passava de uma revisão e restauração da revolução política francesa. Os (As) anarquistas deixavam de lado, as sutilezas de hipopótamos dos que pretendiam tratar marxismo e anarquismo como parentes (os primos ou similares); as identidades para definir as supostas finalidades idênticas, seguindo a desfaçatez leninista; a revolta que precisava de uma consciência revolucionária diretora... E, principalmente, aprenderam depois da Revolução Russa e da Revolução Espanhola que não tinha mais cabimento seguir o funcionamento plural da Comuna de Paris ou colaborar nos governos de Estado como ocorrera na Espanha democrática antes do fascismo franquista. Constataram, acompanhando Emma Goldman (2007), que o poder centralizado corrompe também anarquistas.

O anarquismo é múltiplo, potencializa liberdades, evita o absoluto, não vive para a utopia; não tem parentesco algum com o marxismo e sua ciência hiperbólica da história, não faz política; vive o presente de modo federativo e mutualista. Para alguns pode ser que os anarquismos só tenham sentido quando reduzido a *o anarquismo*. É desta forma que se capta e captura por meio de uma suposta disputa política interna e por meio do academicismo os anarquismos em torno do *verdadeiro* anarquismo (o histórico, plataformista, anarco-sindicalista, comunista, até mesmo o *anarquismo científico* defendido por Piotr Kropotkin...).

Os anarquistas, mesmo com suas diferenças sobre tradições e atualizações, não admitem serem confundidos com os ativistas deste século, ou seja, os praticantes da liberdade neoliberal, os (as) que fazem de suas práticas uma profissão de investimentos em governança para obtenção de melhorias nas condições contemporâneas, pensando num futuro melhor para as novas gerações, como recomenda a sustentabilidade desde o relatório da ONU, intitulado *Nosso futuro comum*, de 1987. Os libertários são militantes e dinamitaram a captura de libertário pelos liberais libertarianos estadunidenses. Importa e interessa afirmar a multiplicidade de anarquismos, e talvez num instante abandonar, definitivamente, as reles distinções entre individualistas e coletivistas, dicotomia que fortalece a verdade de Estado e de governo. Os anarquismos, enfim, não são alternativos, não comportam o verdadeiro totalizador, nem os ativistas. São antipolíticos.

“Meu avô sempre me advertira: o mundo é repugnante, implacável, letal. Como tinha razão. Tudo era ainda muito pior do que eu pensava. [...] Os anarquistas são o sal da terra, ele dizia sempre. Também esta afirmação me fascinava, era uma de suas frases habituais, cujo significado de fato eu, é claro, só fui conseguir entender aos poucos”.

(*Thomas Bernhard*)



As proximidades e os distanciamentos entre anarquismos, nos últimos 50 anos, no Brasil aconteceram pela permanência, insistência e existência de Centros de Culturas Sociais, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, do jornal *Inimigo do rei* em Salvador, de intelectuais, punks, publicações de editoras atentas brasis afora e adentro, que atraíram e se aproximaram da universidade com seus jovens professores-pesquisadores e estudantes realizadores de autogestão.

O período da abertura política no Brasil (1974-1988) facilitou as coisas. A PUC-SP se tornara o espaço das liberdades e das resistências à ditadura civil-militar, antena propícia para a urgência anarquista e sua entrada definitiva na universidade brasileira, também com cursos livres realizados em parceria com o Centro de Cultura Social de São Paulo. Aconteciam nas tardes de sábado, com o auditório sala 333 apinhado de gente. Onde cabiam 300 pessoas sentadas, nunca havia menos de 500, entre jovens e mais gentes interessadas em liberdade anarquista.

Naquele espaço estavam estudantes, punks, jovens feministas, moçada do movimento negro, operários, sindicalistas, gays, curiosos, secundaristas, gente de teatro, artistas plásticos, pessoas que chegavam, se conheciam e podiam a partir dali fortalecer ou inaugurar relações. Não se pretendiam alternativos, mas conectados à *anarquia*. Anarquistas daqui, dali, de dentro e de fora do país se aproximavam e não cessavam os panfletos e as publicações instantâneas. Muitos por curiosidade e saudosos de algo que restituísse 68 e um pouco distraídos sobre os efeitos daquele acontecimento ainda vibrante. Os conservadores e partidários recomendavam esquecer 68, desejavam todos nos trilhos da democracia (liberal, social, participativa...).

Os anarquismos não buscam o instante na história de sua propagação imediata e instantânea pelo planeta. Ao contrário, são constantes, contínuos, por vezes mais fortemente presentes, outras indiscretos. São compostos de práticas de invenções e de análises no decorrer dos eventos, de maneiras contínuas de viver, comer, amar, fortalecer éticas entre amigos. Os anarquismos podem ou não somarem em um instante revolucionário futuro, entretanto estão presentes nas revoltas desde quando elas antecedem emergir, se fazem no presente e não se preparam para o futuro. São como uma tempestade, às vezes um furacão, um ciclone. Passam e deixam suas marcas. Depois o mar volta a ficar azul ou verde (raramente cinza) para que sigam navegações anarquistas menos tonitruantes e fortes até enfrentarem outras intempéries e eventuais cataclismos. É um percurso sempre móvel em que ficam as associações que se formam, renovam, ampliam, contraem, fundem, enfim, os anarquismos não são mais do que realizações no presente. São ensaios federativos de existências.



Em 1992, juntavam-se PUC-SP (Faculdade de Ciências Sociais e Fundação Cultural São Paulo), Centro de Cultura Social, Soma - uma terapia anarquista e Editora Imaginário para a realização de uma semana que provocasse ruído nas comemorações oficiais e quase oficiais do quicentenário do chamado Descobrimento da América. Jovens, homens e mulheres mais velhos se sentaram para bolar o que viria a acontecer em agosto daquele ano: *Outro 500: pensamento libertário Internacional*, no TUCA, Teatro da Universidade Católica. Veio gente do Brasil e de alguns países latino-americanos; chegaram pesquisadores de Europa, América do Sul e Central que produziam anarquismos nas universidades, nas escolas, nos institutos, ateneus, ampliando a cultura libertária. A eles juntaram-se xs brasileirxs daqui e todas as tardes e noites aconteciam mesas redondas, conversações no teatro e pelas redondezas, refeições coletivas, um tal de ninguém se cansar, inesgotáveis na troca de ideias e experiências. O TUCA que fora o corajoso espaço inaugural de resistências à ditadura civil-militar no Brasil, nele agora se estabelecia a consolidação da PUC-SP como espaço propício a libertarismos.

*Outros 500* recebeu apoio de muitas pessoas e propiciou encontros longevos entre gente e espaços outros. Multiplicou anarquismos. Fazer do espaço convencional da universidade, um espaço *outro*; fazer dos espaços de centros de cultura, novamente mais um espaço *outro*; fazer da rua e das habitações espaços *outros*; dissolver fronteiras, barreiras de idiomas e inventando jeitos de fazer e acontecimentos. A recusa em ser alternativo (modo de fazer o mesmo de outra maneira) sempre foi clara e contundente. Mas houve e permanece, ora em redução, ora em crescimento, a euforia dos(as) que chegam na última hora e provocam, à revelia, a celebração de matrimônios sob o mormaço dos tradicionalistas, o acossamento dos marxistas (agora transvestidos de marxismo libertário), os novos acadêmicos atraídos pelo protagonismo, pretendendo virar celebridade inesquecível, elaborando uma estranha proposta de teoria anarquista. Quase tudo dessa pressa equivocada estraga o tanto de anarquismos pela impregnação e obsessão com democracia com um tanto de *jovens* e quase *velhos* vindos da imantação à democracia liberal estadunidense que inaugurou uma nova colonização das esquerdas. É o resultado kafkiano das relações democráticas entre o capital e o capital humano (nova nomeação e prática da força de trabalho inteligente) em empreendedorismo. E com estes empertigados novidadeiros no campo da *nova política* vai a anarquia enluvada e disposta pelas mãos zelosas das sentinelas para o honroso escaninho da esquerda pluralista como uma componente das práticas de *micropolítica*. Os ativistas domaram os anarquistas que cederam aos encantos acadêmicos e alternativos.

O desenrolar entre as décadas de 1990 e 2010, requer mais atenção do que o trailer acima sugere e requer mais detalhamentos sobre as práticas decorrentes desde o movimento



antiglobalização. Entretanto, depois de *Outros 500* aconteceu uma pesquisa sobre violência contra crianças e jovens que abriu, definitivamente, para a existência do *nu-sol*, já anunciada desde a publicação de *Proudhon político* na Coleção Grandes Cientistas Sociais da Editora Ática, em 1986 e os desdobramentos dos antecedentes e da revisão curricular de 1987. Os anarquismos, a educação de crianças e a cultura libertária se completariam. Em 1993, nos aproximamos do abolicionismo penal, no encontro inaugural ocorrido naquele ano, no evento anarquista de Barcelona. Coincidência que se confirmava desde a incorporação em nossas análises da genealogia do poder proposta por Michel Foucault, em *Vigiar e punir*.

Uma guerreira na luta contra prisão para crianças e jovens, desde os anos 1970, chamada Lia Junqueira, e de quem fui parceiro no Movimento em Defesa do Menor, coordenava um escritório de atendimento a crianças e jovens que passavam por prisões do Estado ou viviam em casas e escolas encarceradoras. Ela tem em mãos, na OAB, mais de um milhão de processos de denúncias. Solicita uma análise criteriosa do material e me convida para um café no escritório. Encontro-me com ela, passo vista em alguns processos e admito que o material contém constatações terríveis. É preciso divulgar o que ali está arquivado. Mais do que uma análise confiável é urgente a instalação de um centro de referências para o atendimento de crianças e jovens. Porém, não há dinheiro disponível para remunerações, somente uma pequena verba para os pesquisadores durante três meses, obtida por meio de um rateio feito pela Lia Junqueira.

Volto para a universidade, depois à minha casa, converso bastante com minha mulher, observo meus filhos, rememoro meu mestrado, volto para a PUC-SP no dia seguinte decidido a convidar para uma conversa alguns estudantes de último ano dos Cursos de História e Ciências Sociais. Lia indicará um jovem graduado em Direito do escritório da OAB. Preciso de pelo menos um estudante de História (encontrarei uma jovem firme que passou pelo punk e que canta muito bem), uma quase socióloga densa e próxima das experiências com a loucura, uma quase socióloga lésbica corajosa, divertida e ótima instrumentista e cantora, um quase antropólogo interessado em transgressões e uma estudante de Direito e Ciências Sociais muito atenta, mas que escapava um pouco daquele grupo agitado por ser casada, estável, quase uma fruta ao largo da fruteira, ou a singular fruta na fruteira.

A experiência foi fundamental para nós. Tempo curto, espaço reduzido no escritório e na universidade, minha casa funcionando como anexo, uma casa em Paraty como conexo... Três meses depois, no início de 1994, a pesquisa estava concluída, os jovens pesquisadores graduados, a OAB criava o Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CERCA), o livro preparado para publicação no ano seguinte com o título de *Violentados*. Mostrava,



detalhadamente, não só estatísticas sobre violências contra crianças e jovens, mas análises sobre as justificativas dos algozes e seus (suas) comparsas; anunciava o perigo da vitimologia que se avizinhava; a disponibilidade do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para governar com prisões e introduzir a justiça restaurativa; e um capítulo final sobre a abolição da prisão para jovens. Escrever em conjunto, dissolver a autoria, a superioridade hierárquica do saber, fazer da anarquia uma invenção de escrita. Aprendemos a fazer isso.

Agora estávamos quase prontos para inventar um núcleo de pesquisa e de convivência, parcerias, amigos, com alguns casos rumorosos de amor e sexo, canto-dança-instrumentos, experimentações com artes, disposição para a liberdade de entrar e sair, de pensar e viver um modo autogestionário, de fazer acontecer o que nosso ofício nos prepara para fazer e acontecer, sem medos, sem penas, sem castigos.

Mas um pouco antes disso acontecer algumas pessoas deste grupo, Salete Oliveira e Roberto Baptista, a partir do número 3, juntaram-se a Jaime Cubero do Centro de Cultura Social de São Paulo, Margareth Rago, historiadora da Unicamp e à Editora Imaginário para realizarem uma revista trimestral autogestionária, *libertárias*, editada, lançada e vendida até o número 6. *libertárias* se voltava para o saber e as práticas anarquistas históricas e atuais com uma edição cuidadosa e vendida nas bancas de jornais, livrarias... Alguns poucos a acusavam de ser bonita, como se anarquista fosse sinônimo de sujeira, feiura, malvadezas (paradoxalmente, o mesmo modo como liberais identificavam anarquistas, operários e pobres), e se recusavam a pagar pelo exemplar, preferindo copiá-las em xerox. Cada um lê como pode e quer. Mesmo com os despeitos, ela era muito lida e foi marcante para a multiplicidade de anarquismos. Acabou porque teve de acabar. Para alguns de nós, isso era o mote para continuar. Nós inventamos o *nu-sol*. Nossos amigos e parceiros criaram um instituto. Jaime ficou no Centro de Cultura Social, apoiando a todos nós e os demais que chegavam: sua casa era o espaço preferido à recepção anarquista.

“O Estado, aos nossos olhos, é o guarda, o criado policial do trabalho e do capital”  
(*Pierre-Joseph Proudhon*)

1997, segundo semestre. O grupo formado com a pesquisa-livro *Violentados*, começa matutar a viabilidade de um seminário internacional com o apoio da coordenadora no programa de pós-graduação, Lucia Bógus, sobre Abolicionismo Penal. Iniciam-se os contatos com Louk Hulsman, Nils Christie e Thomas Mathiesen para a vinda deles a São Paulo. No Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, a presidência estava com Sérgio Salomão Shecaira que ao



saber do evento se propõe a participar conosco formando uma parceria que se tornaria início de uma intensa amizade, editando o livro do evento (PASSETTI; DIAS DA SILVA, 1997), inaugurando a coleção do IBCCrim (curiosamente, hoje em dia, registrado como Monografia 4)<sup>2</sup>.

O seminário aconteceu em novembro, contando com os convidados abolicionistas penais do exterior e com muitos jovens e nem tão jovens assim ativistas e militantes que se pronunciaram e escreveram sobre a crítica ao sistema penal e à sua seletividade, a ontologia do crime, as conviências entre tribunal e polícia, mas, principalmente, uns enfocaram, na esteira de Louk Hulsman, a abolição da pena, com a abolição do castigo<sup>3</sup>, do direito penal e o fim da prisão para jovens. Era possível mover uma mudança sem depender da ideia-fixa de revolução: suprimir o direito penal, os espaços de encarceramentos fechados e a céu aberto, alterar a linguagem jurídico-penal, afastar-se dos intelectuais profetas e pensar cada caso como uma *situação-problema*. Nesta perspectiva antipolítica, havia sim um momento político importante, tático e estratégico, o da supressão do direito penal e das penas pela introdução do princípio conciliador do direito civil e da conversação entre as partes envolvidas, incluindo pessoas, os profissionais do direito e os das humanidades.

Naquele evento estavam reformadores liberais que concordavam até um certo ponto, em especial ao reconhecer que toda reforma existe para restaurar o que deve permanecer penalizador; os marxistas viam a possibilidade de se começar agora a abolição das prisões, mas entendiam que a definitiva supressão da penalização somente ocorreria após a revolução, e entre os abolicionistas penais propriamente ditos, havia os que viam, mesmo com as novas parcerias entre a comunidade e os presos, a inevitável permanência de celas socialmente aceitas. Num sentido explícito estes abolicionistas penais, em especial Christie e Mathiesen, eram marxistas que não pensavam o efeito da revolução socialista sem a ocupação do Estado e a vingança de classe. A história mostrou e escancarou que a ocupação do Estado leva a ajustes mais austeros no aparato repressivo e a um direito penal tirânico, e que a composição com o segmento convencional da criminologia crítica, leva ao direito minimalista ou à justiça restaurativa.

Entre os abolicionistas penais havia Louk Hulsman (1993; 1997) e sua generosidade, solidariedade e reciprocidade na luta pela liberdade, com o fim das punições e das prisões. Havia nos seus gestos, nas conversas, no modo de andar, beber e comer algo que nos

---

<sup>2</sup> <https://arquivo.ibccrim.org.br/monografia/4-Monografia-no-04-Convencoes-Abolicionistas>. Acesso em: 10 jun. 2022.

<sup>3</sup> “*Finalidade do castigo* – O castigo tem a finalidade de melhorar *aquele que castiga* -este é o último escudo dos defensores do castigo” (NIETZSCHE,2001[219], p. 176).



aproximava de modo libertário. Hulsman não era afeito a escrever demais sobre o que era simples e direto. A possibilidade do abolicionismo penal dependia, segundo ele, da mudança no discurso penal, com uma nova linguagem e incorporando os movimentos sociais abolicionistas penais<sup>4</sup>. Para nós, o abolicionismo penal expandia a Cruz Negra Anarquista<sup>5</sup>, fundada desde a revolução na Rússia em 1905 (AUGUSTO, 2005)<sup>6</sup>.

O abolicionismo penal, apesar de não ser assim nomeado pelos anarquistas sempre esteve presente por meio das relações livres com as crianças, uma educação para uma cultura libertária avessa a castigos e recompensas. Louk Hulsman como Michel Foucault, que também era nosso parceiro em análises nas proximidades libertárias sem essencialismos universais, se desvencilhara dos intelectuais profetas. Como Foucault (que se recusava a declarar seu estado civil) não se revelava anarquista (eu nem sei o que ele era além e aquém de abolicionista; sabia somente que era anticlerical). Enfim, o Núcleo de Sociabilidade Libertária (*nu-sol*) estava pronto para ir adiante mesmo. Nossa embarcação era para mar, água e ar, movida a fogo de liberdade.

*nu-sol*, com as letras minúsculas mesmo e sem o itálico, como gostamos de escrever para uns e outros na correspondência eletrônica que se espalhou pelo planeta desde os anos 1990. *nu-sol* já estava inscritos nos núcleos de pesquisa do CNPq, em 1997. Seria um dos primeiros a experimentar ter um site: [www.nu-sol.geocities.com.br](http://www.nu-sol.geocities.com.br). O *nu-sol*, tem um site: [www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org). O *nu-sol* era composto de doze ou treze pessoas, e raramente excedeu este número fixo, por vezes chegou a 17; nunca soubemos quantas pessoas passaram pelo *nu-sol*, porém lembramos de cada uma; não existimos para a estatística ou os escaninhos. Fazemos reuniões semanais para conversações sobre nós e o planeta, nossas práticas, publicações, pesquisas, incômodos.

No início, os amigos da PUC-SP e de outras universidades nos saudaram com vigor e se dispuseram a estar conosco e estão até hoje. Certos colegas, de início, nos viam como efeito do desbunde, talvez *alternativos*, gente que com o tempo tomaria jeito, mas bem-vindos pela alegria. Enfim, fomos saudados com palavras a nós dirigidas diretamente. Os sussurros e

---

<sup>4</sup>Sobre Louk Hulsman (1993), ver, também, algumas referências: wikipedia, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Louk\\_Hulsman](https://pt.wikipedia.org/wiki/Louk_Hulsman); revista Verve n. 1, 2, 3, 8 e 21, disponíveis em: <http://www.nu-sol.org/verve/>; várias edições da revista Discursos Sediciosos do Instituto Carioca de Criminologia; o livro *Conversações abolicionistas* publicado pelo IBCCRIM de São Paulo em 1993; a dissertação de mestrado de Anamaria Salles (2011); Edson Passetti (org.) (2012, 2021).

<sup>5</sup> Cruz Negra Anarquista, disponível em: <https://www.anarquista.net/cruz-negra-anarquista/>

<sup>6</sup>Ver em especial a revista Verve, n. 9, p. 83-167, disponível: em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve9.pdf>



ressentimentos remoídos, trapaças, o dar as costas, os apostadores em nos levar para o ostracismo e similares não faltaram, não faltam, não faltarão. Temos vinte e cinco anos.

O *nu-sol* veio para enfrentar as punições e inventar liberdades. Atiçar e ser atiçadx como está expresso nas palavras que abrem *verve* nossa revista semestral autogestionária, que, neste ano de 2022, completa 20 anos com as publicações dos números 41 e 42: “revista de atitudes. transita por limiares e instantes arruinadores de hierarquias. nela, não há dono, chefe, senhor, contador ou programador. *verve* é parte de uma associação livre formada por pessoas diferentes na igualdade. amigos. vive por si, para uns. instala-se numa universidade que alimenta o fogo da liberdade. *verve* são labaredas que lambe corpos, gestos, movimentos e fluxos, como ardentia. ela agita liberações. atiça-me! *verve* é uma revista semestral do *nu-sol* que estuda, pesquisa, publica, edita, grava e faz anarquias e abolicionismo penal.”

Em agosto de 1999, aparecia nossa primeira publicação eletrônica *hypomnemata* (em letras minúsculas), caderno público de anotações, <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/page/68/>, onde consta no número 1 o *manifesto abolicionista* (atualmente, também, na seleta abolicionista penal libertária em PASSETTI, 2021) e as primeiras ideias para produzir os *verbetes do abolicionismo libertário* (<http://www.nu-sol.org/abolicionismo-libertario-verbetes/>).

Entre os cinco anos que sucederam o seminário abolicionismo penal internacional e a publicação inaugural de *verve*, houve uma noite, em um bar, em volta de uma mesa com bebidas e comidas em que nos propusemos a encontrar o nome do núcleo, seu logotipo e suas cores. Tudo ao mesmo tempo agora, como se dizia, e vieram *nu-sol*, o nosso boneco de traço minimalista, desenhado em um guardanapo de papel e as cores preto e azul. Houve também, mais adiante, o encontro para a parceria com a Editora Imaginário para a Coleção Escritos Anarquistas (1999-2004), e em muitos números com o Coletivo Brancaleone do grupo Soma.

Nossos primeiros eventos, registrados em DVD, aconteceram com conversações com o anarquista brasileiro Jaime Cubero e a advogada Lia Junqueira. Eram estas as duas pessoas fundamentais para existirmos. E assim, inauguramos nossas sessões de sextas-feiras, à tarde, na universidade para gravar conversações, realizar saraus, receber libertários. No ano de 1998 os saraus aconteciam sempre às “cinco em punto de la tarde”, festejando naquele ano a existência libertária de Federico García-Lorca. E toda segunda-feira, desde então, nos reunimos para conversações internas no *nu-sol*. “Sessões fechadas?”, perguntavam, provocativamente, alguns adversários e inimigos, acrescentando: “não é contraditório com quem defende a liberdade?”. Fechadas sim e sempre serão porque sabemos que infiltrados e alcaguetes não faltam numa sociedade hierarquizada, com ou sem dialética. No *nu-sol* se sai livremente, sem ter cumprido



fidelidade a um contrato. O *nu-sol*, enquanto uma prática libertária, experimenta e se aventura. Não é um núcleo acadêmico e as pessoas não estão ali pela sua *capacidade* ou *certificações*, mas para se arriscarem em edições, montar um site quando as pessoas achavam que a internet era coisa passageira, fazer uma revista, em dirigir e editar vídeos, fazer teatro, almoços, jantares e viagens juntos, cantar e dançar...

“Aquilo que veio ao mundo para não perturbar, não merece respeito, nem consideração.”  
(René Char)

“Como respeito e consideração são demasiado difíceis para as pessoas, elas admiram, porque admirar lhes sai mais barato.”  
(Thomas Bernhard)

O *nu-sol* veio para perturbar e soube lidar com a admiração dos que usam desta artimanha acadêmica para contornar o respeito e a consideração. Deixava-nos satisfeitos o respeito entre alguns próximos e dos interessados nesta entrada dos anarquismos na universidade, conectado ao abolicionismo penal, implodindo simultaneamente o cadinho das ideologias muito bem vigiado pelos liberais e o dos movimentos pré-políticos dos autoritários sentinelas socialistas. Seguimos em busca de eco, não de elogios.<sup>7</sup>

O *nu-sol* é um grupo de pesquisa, como dito acima, registrado no CNPq desde 1997, e um espaço de pesquisa e ação direta contra autoritarismos e prisões para jovens e demais encarceramentos. Em pouco tempo, estabeleceu uma parceria duradoura com o mais aguerrido segmento da criminologia crítica composta por Nilo Batista, Vera Malaguti Batista, Sérgio S. Shecaira, Maria Lucia Karam e com pessoas desbravadoras dos limites autoritários a partir de Cecília Coimbra e Heliana Conde. Tínhamos o respaldo dos colegas e amigos do departamento de Política na PUC-SP, de muitos outros na Pós-Graduação em Ciências Sociais, de nossos amigos libertários em outras universidades, de quem não era anarquista, porém respeitava as análises e práticas libertárias, e o povo do Centro de Cultura Social e a Editora Imaginário.

Começamos muito fortes, com cerca de 12 pessoas, realizando nossas reuniões às segundas-feiras e preparando eventos públicos, quase sempre nas dependências internas e pátio do Museu da Cultura, com sua diretora Dorothea Voegeli Passeti, na montagem de exposições e preparação de sessões de conversações ao ar livre; no TUCA, com Sergio Resende nos garantindo as realizações de colóquios no Tucarena e depois de aulas-teatro semestrais.

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 [99. “fala o desapontado: eu espero por um eco, e ouvi apenas elogio], p. 72.



Recebíamos da Fundação Cultural São Paulo (hoje extinta) apoios fundamentais e das coordenações do Programa de Estudos Pós-Graduados, no passado e no presente, parceria em eventos e nos saraus. Dos pesquisadores que estiverem na formação inicial do *nu-sol* permanecem: Edson Passetti, Lucia Soares, Salete Oliveira, e, com idas e voltas, Beatriz Scigliano Carneiro e Marcia Lazzari.

A associação *nu-sol* não se restringe às exigências de pesquisa: responde ao que se espera de um núcleo de pós-graduação, mas é uma associação libertária que atíça ação direta e provoca urgências. Produz arquivos anarquistas, por meio de entrevistas gravadas em parceria com a TV PUC, programas libertários para a TV Universitária e arquivados, também no Canal *nu-sol* (<https://www.youtube.com/c/nucleodesociabilidadelibertarianusol>), como as três séries de *Ágora*, *agora*, a *Os insurgentes*, os quatro programas da série *Ecopolítica* (Ecologia, Segurança, Direito e A céu aberto), vídeos como *Fucô*, *ficô*, *Foucault*, *Lorca e a revolução espanhola*, a de entrevistas esparsas e registros em colóquios. O *nu-sol* realizou em parceria com editoras, contando com demais pesquisadores universitários, os eventos: *Um incômodo* (registrado na revista *verve* n. 6), *Kafka-Foucault*, *sem medos* e *A tolerância e o intempestivo* (Ateliê Editorial), *Terrorismos* (Educ), *Curso livre de abolicionismo penal* (Revan), *Pandemia e anarquia* e *Anarquistas na América do Sul* Hedra). Atento às imagens e às suas variadas importâncias na sociedade de controle (DELEUZE, 1992), realiza ciclos de cinema e vídeo sobre revolução espanhola, situação de crianças e jovens, e a política brasileira.

A vida no *nu-sol* é uma existência federada e mutualista que acontece em um espaço universitário, a PUC-SP, um espaço propício não só às resistências à ditadura civil-militar, mas às experimentações de liberdade, entre os anos 1970-1990. Propiciou a emergência do *nu-sol* e o *nu-sol* levou adiante seu modo de fazer libertarismos no espaço de trabalho. Anarquia somente é o que é ou pode ser, quando se dá a partir do espaço de trabalho dxs associadxs, e é isto que xs lançam para as redes sociais digitais para afirmar suas perspectivas.

O *nu-sol* não disputa hegemonias ou domínio da verdade, não se restringe à prática disciplinar da ciência da história que é a de abordar os temas com século de distância. Os anarquismos se fazem no presente, por humanos que se distinguem dos demais animais por seu instinto de revolta, como sublinhou Mikhail Bakunin. Por vezes, os anarquistas estão marcados pelo domínio atual do ideal universal do imperialismo estadunidense (BOURDIEU, 2003) em torno da democracia; noutras, ecoando as práticas libertárias no Brasil do início do século XX; em certos momentos, reiterando estudos e comentários sobre as autorias chamadas clássicas na anarquia; também relacionando educação e cultura anarquistas; a respeito de práticas anarquistas e as minorias contemporâneas, muitas delas na aceitabilidade institucional; e nas



proximidades com a filosofia da segunda metade do século XX, em especial desde Michel Foucault (1977, 1977a, 2011) e Gilles Deleuze (1992), além de trazer a anarquia nos anarquismos por meio de Max Stirner (2004). Enfim, os anarquismos marcam suas presenças nos combates entre as forças sociais e políticas na sociedade, assim como o *nu-sol*, do seu jeito.

Ao falar do *nu-sol* temos de citar as suas publicações regulares, além da revista *verve* iniciada em 2002, numa primeira fase impressa e hoje em dia eletrônica e arquivada (<http://www.nu-sol.org/verve/>). As publicações eletrônicas são: o boletim mensal *hypomnemata*, desde agosto de 1999 (<http://www.nu-sol.org/hypomnemata/>); *flecheira libertária. comentários semanais do nu-sol sobre pessoas, coisas e o planeta* (<http://www.nu-sol.org/flecheira-libertaria/>), desde fevereiro de 2007; o informativo quinzenal, *observatório ecopolítica* (<https://www5.pucsp.br/ecopolitica/observatorio-ecopolitica/>), desde novembro de 2015.

As *aulas-teatro*, começaram a ser preparadas a partir de 2007, inicialmente como recurso para a apresentação de um tema ou pessoa com texto teatralizado e inserção de imagens de filmes de arquivos. Foi assim que apareceu a *aula-teatro 1 Emma Goldman*. Constatamos que foi uma experiência imprescindível, mas não era o que queríamos. Fartos do lugar comum da chamada didática escolar, pensávamos em oferecer algo de acesso múltiplo a estudantes, pesquisadores e às pessoas interessadas. Passamos a compor *aulas-teatro* semestrais, com aproximadamente 100 minutos, a partir de um tema, incorporando pesquisa literária, musical, visual, e, obviamente, das humanidades. Daí aparecia o material inicial produzido pelos integrantes do *nu-sol* a ser roteirizado por dois ou mais pesquisadores, ensaiado durante um breve tempo e apresentado pelos integrantes do *nu-sol* no palco do Tucarena, em dois dias seguidos. Cabia e cabe ao *nu-sol* elaborar os figurinos, cenários e adaptação da luz instalada no teatro a partir de alguma peça em cartaz; às vezes, contávamos com convidadxs para estas funções e, também, como operadores de luz; eram especialmente amigxs na encenação como uma apresentação, jamais uma representação. Nudez. De 2007 a 2019 foram 26 (todas publicadas em *verve*), interrompidas com a chamada pandemia pelo novo coronavírus entre 2020 e 2022 (voltará?). As duas últimas aconteceram em 2019 e abriram uma nova experimentação: estudos sobre *Hécuba* de Eurípedes, a tragédia e a liberdade transhistórica.

Durante a pandemia produzimos na companhia dos amigos João da Mata (SOMA) e do fundamental anarquista português José Maria Carvalho Ferreira, com a presença de pesquisadores daqui e do exterior *Pandemia e anarquia* (Editora Hedra, 2020) e *Anarquistas na América do Sul* (v. 1 Editora Hedra e v. 2 e-book da Editora Pedro e João), com os coletivos LASInTec (Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de



Monitoramento, da Unifesp) e o L.I.M.A. (Laboratório Insurgente de Máquinas Anarquistas, da Unicamp).

Na primeira década deste século, em companhia de colegas da Unicamp, pensamos propor um Projeto Temático à Fapesp sobre a atualidade dos anarquismos. Não deu certo. Insistimos no percurso traçado libertariamente. Surgiu o *Ecopolítica* aprovado e realizado entre 2011 e 2016, cujo livro veio a público em 2019, com o mesmo título, pela editora Hedra de São Paulo. Desta publicação aconteceu a coleção do mesmo nome que se encontra em seu início, contendo já os volumes dos eventos realizados durante a chamada pandemia. Assim como foi no passado, em companhia da Editora Imaginário, e por vezes do Coletivo Brancalone, quando contribuimos para a publicação de quase 30 volumes de análises anarquistas históricas, neste momento estamos confiantes em mostrar este fluxo acentuadamente atual. Christian Ferrer (2004) disse, certa vez, que mesmo uma breve passagem pelo anarquismo faz qualquer jovem ficar mais interessante, e que em qualquer lugar do planeta há e sempre haverá uma pereba negra anarquista.

O *nu-sol* está próximo dos múltiplos anarquismos, do abolicionismo penal proveniente de Louk Hulsman, produzindo o abolicionismo penal libertário e da anarquização libertária de Max Stirner (publicado em *verve*, há ao menos quatro de seus artigos). A prática da parrésia, recuperada por Michel Foucault (2011) em seu derradeiro curso, amplia nossos percursos, seguindo e acompanhando a trans historicidade do cinismo, o militantismo (invenção de novas práticas libertárias), as reviravoltas dos anarquismos desde 68, as mobilizações antiglobalização no final do século passado, as surpreendentes aparições *black bloc* ao redor de junho de 2013, no Brasil...

“(Não foram os europeus o apocalipse dos índios?)”  
(*Victor Heringer*)

No universo em expansão, o planeta Terra é o alvo principal do controle dos Estados, de organizações internacionais e do capitalismo, sustentável ou não, governamentalizado pela *inovadora* racionalidade neoliberal, educando para práticas resilientes. As anarquias permanecem resistentes e saúde para cada pessoa que se revira e abole o castigo a partir de si própria. São invenções libertárias da existência.

]



## REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Acácio. Os anarquistas e as prisões: notícias de um embate histórico. *Nu-Sol*, São Paulo, n. 9, p. 129-141, 2006. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve9.pdf>.
- BOURDIEU, Pierre. “Dois imperialismos do universal”. Tradução de Rachel Gutiérrez. In: LINS, Daniel; WACQUANT, Loïc (orgs). **Repensar os Estados Unidos**. Campinas, Papirus, 2003. p. 13-19.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34 Letras, 1992.
- FERRER, Christian. Átomos soltos: a construção da personalidade entre anarquistas no começo do século XX. *Nu-Sol*, São Paulo, n. 5, p. 157-184, 2004. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2017/11/verve5.pdf>.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Ligia M. P. Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **A vontade de saber**. Tradução de Maria Teresa C. Albuquerque e J. A. Guilhón de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977a.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo WMFMartins, 2011.
- GOLDMAN, Emma. Minha outra desilusão na Rússia. In: Revista verve. Tradução de Annamaria Salles. *Nu-Sol*, São Paulo, n. 11, p. 109-122, 2007. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve11.pdf>.
- HULSMAN, Louk; CELIS, Jacqueline Bernat de. **Penas perdidas**. Tradução de Maria Lucia Karam. Niterói: Luam, 1993.
- HULSMAN, Louk. Temas e conceitos numa abordagem abolicionista da justiça criminal. In: PASSETTI, E. e DIAS DA SILVA, R. B. **Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva**. São Paulo: PEPG. Ciências Sociais PUC-SP/IBCCrim, 1997. p. 189-213.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, Salete. A grandiloquência da tolerância, direitos e alguns exercícios ordinários. *Nu-Sol*, São Paulo, n. 8, p.176-289, 2005. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2020/06/verve8-1.pdf>.
- OLIVEIRA, Salete. Tolerância e conquistas, alguns itinerários na declaração universal dos direitos humanos. *Nu-Sol*, São Paulo, n. 9, p. 150-168, 2006. <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve9.pdf>.
- PASSETTI, Edson *et al.* **Violentados**. Crianças, adolescentes e justiça. São Paulo: Imaginário, 1995.



PASSETTI, Edson (coord.); AUGUSTO, Acácio; CARNEIRO, Beatriz S.; OLIVEIRA, Salete; RODRIGUES, Thiago. **Ecopolítica**. São Paulo: Hedra, 2019.

PASSETTI, Edson. **Hypomnematas do nu-sol**. Rio de Janeiro: ICCrim/Revan, 2021.

STIRNER, Max. **O único e a sua propriedade**. Tradução de João Barrento. Lisboa: Antígona, 2004.

Recebido em: 20 de julho de 2022  
Aceito em: 16 de dezembro de 2022